

Análise de duas traduções para o português de *Contos Romanos*, de Alberto Moravia

Eduardo Baratto Leonardi

Resumo: Este artigo trata da análise de duas traduções para o português brasileiro do livro *Racconti Romani* (em português, *Contos Romanos*), do escritor italiano Alberto Moravia. Ao longo do texto, serão apresentados conceitos sobre gêneros textuais, conceitos de leitura, modelos de leitura, competências tradutórias e complexidade textual. Estes temas serão relacionados com os textos em análise ao longo do trabalho.

Palavras-chave: Tradução; Literatura Italiana; Complexidade Textual; Alberto Moravia

Introdução

Em 1954, passados quase dez anos do fim da 2ª Guerra Mundial, o escritor italiano Alberto Moravia (1907-1990) lança um livro de contos ao qual dá o título de *Contos Romanos* (no original, em italiano, *Racconti Romani*). A menção ao conflito mundial da década de 40 é importante pois a obra de Moravia permite ao leitor visualizar o cenário de uma Itália em reconstrução, a partir das 61 histórias que fazem parte da obra, ambientadas na região da capital do país, Roma.

Neste artigo, vamos analisar duas traduções de *Contos Romanos* para o português brasileiro. Será feita uma crítica sobre a leitura tradutória que gerou a tradução, tendo como referencial teórico textos sobre modelos de leitura, gênero textual, competências tradutórias e complexidade textual. A partir da análise de trechos do livro, serão observadas as opções feitas pelos tradutores para fazer a tradução dos escritos de Moravia em comparação ao original italiano.

Contos Romanos é um exemplo de produção do período do neorrealismo italiano. Em seus relatos, o autor mostra os tipos que surgiram na Roma do pós-guerra, com o mercado negro, a maciça presença de norte-americanos, as mulheres da vida, o filhinho da mamãe, o machista traído pela esposa, o azarado, o espertalhão, o trapaceiro que é enganado, enfim, uma série de personagens que também ganhariam, naquele período, as telas do cinema nas obras de Federico Fellini, Vittorio de Sica, Roberto Rossellini e Luchino Visconti. Temos, no livro, essas pessoas um tanto quanto esquisitas em seus diferentes vícios, feiuras e deformidades, com as quais Moravia desenvolve sua escrita, usando doses de comicidade, vinda do próprio desajuste dos personagens.

Roma é a cidade natal de Moravia. Ainda na infância, o escritor padece de uma doença óssea que o obrigou à imobilidade durante anos, período no qual não pôde frequentar a escola. Neste período, Moravia concentra-se na leitura de autores consagrados como Shakespeare, Dostoiévski, Boccaccio. Ainda jovem, dedica-se ao jornalismo, como cronista e colunista. O primeiro romance do autor, *Os Indiferentes*, é publicado em 1929, no apogeu do regime fascista. Ele faleceu em 1990, aos 83 anos.

Neste trabalho, utilizaremos, como original em italiano, a edição digital da obra, publicada pela RCS Libri S.p.A. em 2011, em Milão. Trata-se de uma reprodução para o formato *e-book* da 20ª edição impressa do livro, lançada em novembro de 2009.

Para fazer a comparação entre traduções, teremos como base duas edições de *Contos Romanos* em português brasileiro. A primeira foi lançada em 1985 pela editora Difel, de São Paulo. A tradução foi realizada por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas Andrade. Bernardini possui graduação em Letras Língua e Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP), em 1963. Entre outras formações acadêmicas, tem mestrado em Letras (Língua

e Literatura Italiana) e doutorado em Literatura Brasileira pela mesma USP. Foi professora na instituição onde, hoje, aposentada, atua na pós-graduação e pesquisa¹. Andrade tem graduação em Português Russo (1975), mestrado e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada), todos pela USP onde, atualmente, é professor. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas².

A segunda tradução para o português a ser utilizada neste trabalho foi publicada em 2003 pela editora Berlendis & Vertecchia, de São Paulo. *Contos Romanos* foi incluída na série Letras Italianas, coleção de 26 livros com o objetivo de apresentar escritores italianos pouco conhecidos no Brasil, apresentando ao público brasileiro, além de romances, novelas e contos italianos, menos divulgados no país. Nesta edição, a tradução é feita por Alessandra Caramori e aparece citação à revisão da tradução, realizada por Eugenio Vinci de Moraes. Caramori possui graduação em Letras (Português e Italiano), mestrado em Letras - Língua e Literatura Italiana (2000) e doutorado em Linguística (2006), realizados na USP. É professora adjunta de língua e literatura italianas na Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 2009³. Moraes é professor do Centro Universitário Uninter, desde 2008. Graduou-se bacharel em Língua e Literatura Portuguesa e Italiana, em 2001, e é doutor em Letras (Literatura Brasileira) pela USP⁴.

Para este trabalho, escolhemos para análise o conto *Pignolo*. Como veremos e discutiremos nas próximas páginas, este conto teve seu título traduzido de forma diferente (“Goiaba” e “Cricri”) nas duas obras em português que servem como base para este estudo.

Análise

Pignolo é um dos 61 contos que compõem o livro *Racconti Romani* (em português, *Contos Romanos*), do escritor italiano Alberto Moravia. Neste conto, o narrador, César, comenta a situação que levou ao fim de sua amizade com Peppino, um homem cujo comportamento meticuloso, chato, importuno, dá título ao conto (explicaremos mais adiante). Peppino adquire um carro e leva o amigo César (a contragosto) para um passeio nas proximidades de Roma. O jeito de se importar com os mínimos detalhes, inclusive aqueles menos importantes, causa duas situações no caminho, uma em um momento de lentidão na estrada à Cassia, com Peppino julgando estar certo, apesar de estar trancando o trânsito, e outra na Via Vêneta (uma das principais ruas de Roma, ponto de encontro para cafés, imortalizada no filme *La Dolce Vita*, de Federico Fellini), quando colide, por trás, em um outro veículo e, ainda assim, quer ter a razão. As duas fazem com que César perca a paciência e tome uma atitude que o leva a perder a amizade com Peppino.

Vamos começar comentando o gênero textual que é objeto deste estudo. Um gênero textual se caracteriza, de acordo com MARCUSCHI, por:

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituir textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;

1 BERNARDINI, Aurora Fornoni. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 19 fev. 2014. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0643870323205203>>. Acesso em: 19 jun. 2014

2 ANDRADE, Homero Freitas de. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 3 jun. 2014. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8511863958216520>>. Acesso em: 19 jun. 2014

3 CARAMORI, A. P.. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 16 jun. 2014. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5431865281906691>>. Acesso em: 19 jun. 2014

4 MORAES, E. V.. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 16 jun. 2014. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5431865281906691>>. Acesso em: 19 jun. 2014

3. sua nomeação abranger um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.

O gênero textual em análise é o conto. De GANCHO tiraremos seu conceito.

É uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo.

Antes da análise dos textos, será necessária fazer a apresentação de alguns conceitos que serão utilizados nas comparações. Como dito na introdução, este trabalho vai abordar questões como leitura tradutória, modelos de leitura, competências tradutórias e complexidade textual.

Segundo LEFFA (1996, p. 10), a leitura é basicamente um processo de representação.

Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Ele resume o processo de leitura com duas definições antagônicas. Para o autor, ler é extrair significado do texto e ler é atribuir significado ao texto.

Assim, chegamos a um primeiro ponto que pode ser observado em *Contos Romanos* e suas traduções. Como o tradutor vai resolver o desafio de apresentar a um leitor brasileiro de contos italianos as descrições tão peculiares da capital da Itália feitas por Moravia no original há sessenta anos? Temos uma cultura diferente, uma constituição de cidade diferente, gírias, termos e usos de linguagem diferentes dos que o brasileiro está acostumado. Ou seja, em muitos casos, não vai atender ao que Leffa diz sobre ter conhecimento prévio do mundo (a não ser que o leitor tenha conhecimentos em italiano, sobre Roma ou cultura italiana). Isso pode dificultar e atrapalhar os processos de extrair ou atribuir significados ao texto, não chegando ao mesmo objetivo que Moravia tinha ao escrever a obra em italiano.

Um exemplo disso é o título de um dos contos que fazem parte de *Contos Romanos*. Vejamos as soluções apresentadas pelos tradutores.

Original de MORAVIA Pignolo
Tradução de BERNARDINI e ANDRADE (1985, p. 167) Goiaba
Tradução de CARAMORI (2003, p. 214) Cricri

Buscando em dicionários de italiano, *pignolo* seria uma variação de *pinolo*, cuja descrição pode ser traduzida como qualquer uma das sementes que compõem a pinha⁵. Para um leitor brasileiro, mesmo o que tenha conhecimento da língua italiana, descobrir a tradução da palavra não será suficiente para obter o significado dela, complicando o processo de leitura.

Será necessário ir além e saber que, em italiano, *pignolo* é usado, também, de modo figurativo como adjetivo, conforme a definição abaixo (tradução nossa).

Pessoa que age e se comporta de modo excessivamente pedante, que no desenvolvimento de uma atividade coloca, e quer que os outros o façam também, um cuidado meticuloso, excessivo, frequentemente inútil, inclusive nos particulares mais insignificantes, que é presa de forma rígida a regras e princípios (esse uso figurativo tem origem no fruto que não se solta da pinha e a pessoa que não sabe se liberar de esquemas mentais rígidos e minuciosos).⁶

De que forma essa definição auxiliou os tradutores a chegar aos termos *goiaba* e *cricri* como alternativas para a tradução de *pignolo* ao português brasileiro?

Antes de responder, precisamos apresentar, nas próximas linhas, conceitos que vão auxiliar no entendimento desse processo. São as competências tradutórias. Conforme ALBIR (2005, p. 19):

Embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores.

O assunto é tema de pesquisa desenvolvida no grupo *Procés d'Aquisició de la Competència Traductora i Avaluació* (PACTE) – Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação, sediado na Universitat Autònoma de Barcelona, do qual Albir é pesquisadora líder. A partir destes estudos, chegou-se a um modelo holístico de competências tradutórias, partindo das seguintes deduções, conforme ALBIR (2005, p. 27):

(1) que a competência tradutória é diferente da competência bilíngue; (2) que é composta por diversos componentes (linguísticos, extralinguísticos, etc.); (3) que esse componentes são de diversos níveis (conhecimentos, habilidades, conhecimentos epistêmicos, operacionais, etc.); (4) que, dentre esses

5 *pignòlo* (letter., raro, *pignuòlo*) s. m. [der. di *pigna*]

1. *Pinolo*, ciascuno dei semi contenuti nella *pigna*.

(Treccani.it. *Pignolo in Vocabolario*. Disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/pignolo/>>.

Acesso em 19 jun. 2014)

6 *pignòlo* (...)

2. fig. (f. -a) Persona che agisce e si comporta con eccessiva pedanteria, che nello svolgimento di un'attività mette, e soprattutto pretende dagli altri, una cura meticolosa, eccessiva, spesso inutile, anche nei particolari più insignificanti, che è rigidamente attaccata ai principi e ai regolamenti e sim. (quest'uso fig. è probabilmente fondato sul confronto tra il *pignolo* strettamente incastrato nella *pigna* e la persona che non sa liberarsi da schemi mentali rigidi e minuziosi): è un p., un p. di ferro; non fare la *pignola*! Anche come agg.: un funzionario p.; un professore, un capoufficio molto *pignolo*.

(Treccani.it. *Pignolo in Vocabolario*. Disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/pignolo/>>.

Acesso em 19 jun. 2014)

componentes, as estratégias têm uma grande importância

Um primeiro modelo foi apresentado em 1998 e atualizado em 2003. Conforme o modelo mais atual,

a competência tradutória é um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos, declarativos, e, em maior proporção, operacionais, necessários para saber traduzir, que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos. (ALBIR, 2005, p. 28)

Vamos, então, comentar cada uma dessas subcompetências, pois o seu entendimento será importante para muitos aspectos deste trabalho. Segundo os estudos de ALBIR (2005, p. 29), temos, de forma resumida:

- subcompetência bilíngue: conhecimentos para a comunicação em duas línguas (pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais);
- subcompetência extralinguística: conhecimentos enciclopédicos e (bi)culturais de mundo;
- subcompetência de conhecimentos sobre a tradução: unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados, além de aspectos profissionais;
- subcompetência instrumental: uso de fontes de documentação e das tecnologias;
- subcompetência estratégica: segundo ALBIR, tem um lugar essencial neste esquema, pois afeta a todas as outras subcompetências. Tem relação com os conhecimentos operacionais para garantir a eficácia do trabalho tradutório, desde seu planejamento, avaliação, resultados, ver os problemas de tradução, achar meios para solucioná-los, entre outros aspectos;
- componentes psicofisiológicos: são componentes cognitivos, de atitude e habilidades que intervêm no modelo, como emoção, curiosidade, criatividade, raciocínio lógico, memória, atenção, etc.

Segundo ALBIR (2005, p. 29), “todas essas subcompetências funcionam de maneira integrada para formar a competência tradutória e interagem entre si em todo o ato de traduzir”.

Vamos retomar a análise sobre a escolha das traduções para o título do conto de Moravia, *Pignolo*, para ver um exemplo de como essa interação funciona. Como vimos anteriormente, a tradução literal do título resultaria em *pinhão*. Assim, o objetivo de Moravia ao usar o termo não seria alcançado em português, pois não há relação entre pinhão e pessoa meticulosa no Brasil.

BERNARDINI e ANDRADE fazem a opção pelo termo *goiaba*. Se pensarmos no que Leffa afirma sobre o conceito de leitura, temos aqui um exemplo do tradutor lendo o texto original, extraindo o significado popular do termo e buscando um paralelo na língua de destino. O dicionário Aulete traz o significado para *goiaba*, como gíria em São Paulo, uma “pessoa entediante, cansativa”. Quase todas as subcompetências citadas por Albir se fazem presente neste exemplo: a bilíngue, para encontrar o significado e buscar semelhante em português; a extralinguística, para entender o sentido figurado do termo em italiano; quanto aos conhecimentos de tradução e a estratégica, eles lançam mão de uma ferramenta disponível ao tradutor e colocam a seguinte nota, para conversar com o leitor do texto e buscar garantir que ele vá compreender o motivo da escolha. “Pinhão (*Pignolo*) no original. Diz do sujeito chato, cacete. Preferiu-se “goiaba” como solução para manter certos jogos de palavras do

texto, embora a fruta não seja nativa da Itália.” A escolha da fruta será justificada por um trecho do texto, que veremos mais adiante neste trabalho.

Já CARAMORI opta por usar o termo *cricri*. Conforme o dicionário Aulete, uma “pessoa implicante, maçante”. Ou seja, ainda está adequado ao que Moravia buscava mostrar no original em italiano. Ela não explica a razão de sua escolha. Da leitura do texto, deduz-se que a tradutora opta por *cricri* por ser esta a onomatopeia do barulho feito por grilos. Também mais adiante veremos a importância desta escolha. Temos aqui, mais uma vez, a extração de significado do texto original, e o uso das subcompetências bilíngue, extralinguística, de conhecimentos de tradução e estratégica.

O que vemos nestas escolhas, justificada na nota de Bernardini e Andrade, não justificada no caso de Caramori, são casos de interpretação antes da tradução. Conforme ECO (p. 291),

Uma interpretação sempre precede a tradução – quando não se trata de traduções medíocres de textos medíocres, feitas visando ao ganho sem perda de tempo. Com efeito, os bons tradutores, antes de começar a traduzir, passam um bom tempo lendo e relendo o texto e consultando todos os subsídios que permitam a melhor compreensão de passagens obscuras, termos ambíguos, referências eruditas.

Vamos, agora, abordar um trecho maior do texto do conto *Pignolo* para falarmos, além das competências, também de aspectos de leitura e complexidade textual. Parte do primeiro parágrafo do texto, vai contribuir, também, para entender as escolhas feitas pelos tradutores para o título do conto em português.

Original de MORAVIA

(...) Peppino è un piccoletto con le spalle larghe e le gambe corte che cammina tutto preciso, senza muovere il busto e la testa, come se dalla vita in su fosse di legno. Ha un viso anch'esso che pare di legno con la pelle troppo corta, si direbbe, tutta tirata e liscia, ma quando ride o aguzza gli sguardi gli vengono tante rughettine sottili, da vecchio. Anche a non conoscerlo, lo porta scritto in fronte quello che è: pignolo. E infatti lo è, da non credersi. Ricordo anzi a questo proposito che una volta, andando a spasso con lui e una ragazza per la pineta di Fregene, lei che spesso lo prendeva in giro per la sua pignoleria, gli disse ad un tratto, indicando il solo: "Guarda... guarda quanti Peppini." Io capii subito e mi misi a ridere. Ma lui, appunto, pignolo, domandò: "Non capisco... che vuol dire?" E lei seria: "Quanti pignoli, guarda, non si vedono che Peppini, cioè pignoli."

Tradução de BERNARDINI e ANDRADE (1985, p. 167)

(...) Peppino é um baixinho de costas largas e pernas curtas que anda empertigado, sem mexer o busto e a cabeça, como se da cintura para cima fosse de pau. Tem uma cara que também parece de pau com a pele demasiado curta, se diria, toda repuxada e lisa, mas quando ri ou fixa o olhar formam-se muitas ruguinhas finas, de velho. Mesmo sem conhecê-lo, traz na testa aquilo que é: goiaba. E realmente é, de não se acreditar. Lembro, aliás, a esse propósito que uma vez, passeando com ele e uma moça pelo bosque de Fregene, ela que sempre gozava de sua goiabice, disse-lhe de repente, apontando o chão: “Olha... olha quantos Peppinos.” Eu entendi no ato e comecei a rir. Mas o goiaba, logo ele, perguntou: “Não entendo... o que quer dizer?” E ela séria: “Quantas goiabas, olha, só se vê Peppinos, ou seja, goiabas.”

Tradução de CARAMORI (2003, p. 214)

(...) Peppino é um nanico de costas largas e pernas curtas, que anda todo

empertigado, sem mexer o peito e a cabeça, como se, da cintura para cima, fosse de pau. Tem um rosto que também parece de madeira, com a pele curta demais, quer dizer, toda repuxada e lisa, mas quando ri ou aguça os olhos surgem várias rugazinhas estreitas, de velho. Mesmo sem conhecê-lo, traz escrito na testa o que ele é: cricri. E realmente é, só vendo. Lembro-me aliás, a propósito, de uma vez, passeando com ele e uma moça pelo bosque de pinheiros de Fregene, ela, que sempre tirava sarro dele por causa da sua chatice, vira e lhe diz, de repente, apontando para o chão: “Olha... olha quantos Peppinos”. Eu entendi imediatamente e comecei a rir. Mas ele, cricri que era, perguntou: “Não estou entendendo... o que você quer dizer?”. E ela, séria. “Quantos grilos, olhem, estou vendo muitos Peppinos, ou seja, cricris.”

Nos trechos acima, percebe-se a razão da escolha dos tradutores por *goiaba* e *cricri*. Era necessário, para manter o jogo de palavras proposto por Moravia nas sequências “*Guarda... guarda quanti Peppini*” e “*Quanti pignoli, guarda, non si vedono che Peppini, cioè pignoli*.” (em uma tradução mais literal, “Veja... veja quantos Peppinos” e “Quantos pinhões, não se vê nada mais que Peppinos, ou seja, pinhões”), escolher elementos da natureza. Os três caminhavam na *pineta di Fregene*, cuja tradução de CARAMORI, *bosque de pinheiros de Fregene*, se aproxima mais do texto original. Enquanto isso, BERNARDINI e ANDRADE optaram por omitir os pinheiros, deixando apenas *bosque de Fregene*. Acreditamos que a escolha econômica de Bernardini e Andrade seja até a mais adequada, uma vez que o detalhe do bosque ser de pinheiros só é importante no original, em italiano, para que o leitor faça a relação entre pinheiros e a existência de sementes de pinha no chão.

É o que KATO vai descrever como um modelo de leitura construtivista. Ela afirma (p. 69) que, até as abordagens do modelo de leitura da análise pela síntese, se defendia que o significado só vinha do linguístico, do visual, e não do conhecimento de mundo do leitor, e que agora o contexto faria parte dos fatores que afetam a leitura. E continua: “Com o surgimento do conceito de informação prévia, a concepção se expande para além do contexto linguístico imediato”. Ela cita, ainda, as ideias de Goodman, o contexto envolvendo o conhecimento de mundo do leitor, e vai a Smith, afirmando que “muito do significado que extraímos do texto vem de informações não-visuais. Da mesma forma que temos uma teoria linguística que nos permite interpretar a forma linguística, temos também uma teoria do mundo que nos faz imprimir sentido ao texto”, chegando a Spiro (KATO, p. 70).

Para Spiro, o significado não reside em palavras, sentenças, parágrafos ou mesmo textos; o que a língua prevê é um “esqueleto”, uma base para a criação do sentido. Esse esqueleto deve ser preenchido, enriquecido e embelezado, de forma que o resultado se conforme com a visão de mundo e a experiência do leitor

Assim, parece que foi esse o método de leitura usado pelos tradutores. A partir de seu conhecimento de mundo e do contexto da situação no original em italiano, buscaram as soluções para oferecer ao leitor as versões em português do trecho destacado acima, mantendo os jogos de palavra feitos por Moravia. Ao falar do bosque de Fregene, por mais que o leitor não saiba o que Fregene significa, ele vai poder compreender os textos em português e até rir do humor impresso por Moravia ao falar da brincadeira entre amigos nessa parte do conto.

Ao mesmo tempo, neste mesmo recorte acima, temos elementos do modelo de leitura reconstrutor citado por KATO. Para explicar este modelo, ela usa as palavras de Levy.

A leitura seria um ato de reconstrução dos processos de produção. Ao contrário das propostas anteriores, que, apesar das diferenças, partilhavam entre si uma visão formalista da leitura, a concepção reconstrutora se apoia em pressupostos funcionalistas: enquanto aquelas viam o ato da leitura como uma integração entre

o conhecimento do leitor e a informação dada pela forma do texto, este modelo vê o ato de ler como uma interação do leitor com o próprio autor, em que o texto apenas fornece as pegadas da intenção do último. (KATO, p. 71)

Percebe-se isso principalmente na tradução de CARAMORI. Ela faz a relação de cricri com chatice, de forma a conduzir mais diretamente o leitor a interpretação correta do termo, ou seja, que Peppino é uma pessoa chata. Já no caso da opção de BERNARDINI e ANDRADE, caso o leitor não tenha conhecimento do significado de goiabice (e nem faça a relação do termo com goiaba), corre-se o risco de falha na compreensão do jogo de palavras. Este é mais um exemplo das subcompetências estratégicas e de conhecimentos de tradução agindo nas duas obras em português.

Temos, no início do parágrafo, uma sequência de opções divergentes entre os tradutores. Para *legno*, Caramori é mais literal e opta por madeira. Mas Bernardini e Andrade usam pau, numa escolha estratégica para compor a expressão cara de pau (a palavra cara aparece pouco antes, na mesma linha) para auxiliar o leitor a compreender o comportamento de Peppino. No entanto, não há o uso por Moravia, no original em italiano, de expressão que remeta ao sentido de cara de pau.

Em *aguzza gli sguardi gli vengono tante rughettine sottili*, Bernardini e Andrade optam por “fixa” ao literal “aguçar” usado por Caramori, mas são mais fieis ao original ao usar “o olhar” a “os olhos”, como Caramori fez. Ambos, no entanto, preferem substituir *sottili* (sutis) por opções interpretativas como finas e estreitas, dando mais concretude para o leitor visualizar como eram as marcas no rosto do personagem, não deixando lacunas para serem preenchidas, o que poderia acontecer se usassem o termo mais literal. É mais um exemplo do modelo de leitura reconstrutor.

Ainda nesse ponto, conforme Eco (p. 291),

(...) uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão da obra traduzida. Uma tradução conduz sempre a um certo tipo de leitura da obra, assim como faz a crítica propriamente dita, pois, se o tradutor negociou escolhendo dirigir a atenção para determinados níveis do texto, ele automaticamente focalizou a atenção do leitor em tais níveis. Também nesse sentido, as traduções da mesma obra integram-se entre si, pois muitas vezes nos levam a ver o original sob um ponto de vista diverso.

Pegaremos os trechos destacados no quadro acima para tratar, agora, da questão da complexidade textual. PASQUALINI (2012, p. 49), em sua Dissertação de Mestrado, apresenta três fases do estudo da complexidade textual. Na primeira, eram baseadas na influência da alfabetização para a proficiência da leitura. Na segunda, surgem os índices Flesch e de Dale-Chall. O objetivo era adequar os textos à proficiência do leitor. Na última, a partir da década de 50, os pesquisadores passaram a explorar como interesse, motivação e conhecimentos prévios do leitor afetam a compreensão do texto, gerando novas fórmulas.

O índice Flesch é a medida lexical de avaliação do nível de complexidade textual oriunda de trabalhos na área de Processamento de Língua Natural⁷. Foi a primeira fórmula para estimar a complexidade textual de materiais voltados para adultos, desenvolvido pelo austríaco Rudolph Flesch nos Estados Unidos, no início da década de 40. O método foi atualizado em 1948, conforme explica Pasqualini (2012, p. 52), citando William Dubay.

No ano de 1948, Flesch publicou uma segunda fórmula, em duas partes. Na

7 PASQUALINI (2012, p. 14)

primeira, a Reading Ease, são usadas duas variáveis: o número de sílabas e o número de sentenças a cada amostra de 100 palavras. A complexidade é estimada em uma escala de 1 a 100, sendo 1 equivalente a muito difícil e 100 a muito fácil. A segunda parte da fórmula estima o “interesse humano” ao contar o número de palavras pessoais, como pronomes e nomes, e marcas de personalização, como citações, exclamações e frases incompletas.

Conforme os estudos de Flesch com a aplicação da fórmula demonstraram, quanto mais complexo se mostra o texto, mais o leitor perde o interesse.

A fórmula de Flesch visava, inicialmente, textos em inglês. Devido às diferenças de construção de sentenças para cada idioma, não é possível utilizar o mesmo cálculo para ver a complexidade textual em português ou italiano, os dois idiomas dos textos em análise nesse trabalho.

No entanto, a fórmula foi adaptada para o português brasileiro e para o sistema escolar no país. O índice Flesch para o padrão brasileiro pode ser obtido com o uso de ferramentas como o TextMeter (que será usada neste trabalho). De acordo com o valor obtido, um texto pode ser considerado muito fácil (índice de 90 a 100 – leitores até a 4ª série do Ensino Fundamental); fácil (entre 80 e 90 – leitores até a 8ª série do Ensino Fundamental); razoavelmente fáceis (entre 70 e 79 – leitores até a 8ª série do Ensino Fundamental); padrão (entre 60 e 69 – leitores até a 8ª série do Ensino Fundamental); razoavelmente difíceis (entre 50 e 59 – leitores no Ensino Médio ou universitários); difíceis (entre 30 e 49 – leitores no Ensino Médio ou universitários); ou muito difíceis (entre 0 e 29 – leitores de áreas acadêmicas específicas).

Em nossas pesquisas, tentamos localizar se há uma adaptação do índice Flesch para a língua italiana. No entanto, não localizamos. Nossas pesquisas apontaram para o uso de um cálculo diferente, o índice Gulpease. A fórmula foi desenvolvida em 1982 pelo Grupo Universitário Linguístico Pedagógico (em italiano, *Gruppo universitario linguistico pedagogico – Gulp*) dentro do Instituto de Filosofia da Università degli Studi di Roma La Sapienza. Há versões do índice para análise de textos em inglês e francês.

Aqui será necessário explicar as diferenças, até como forma de comparar o trabalho realizado pelos italianos com os estudos de Flesch.

O índice Flesch tem como fórmula:

$$\text{Escore} = 206.835 - (1.015 \times \text{TMS}) - (84.6 \times \text{MSP})$$

Onde escore é o valor final, TMS (tamanho médio das sentenças) e MSP (número médio de sílabas por palavra)

Já o índice Gulpease usa um cálculo diferente:

$$\text{Facilidade de leitura} = 89 - \text{LP} / 10 + \text{FR} * 3$$

Onde LP (letras * 100/total de palavras) e FR (frases * 100/total de palavras)

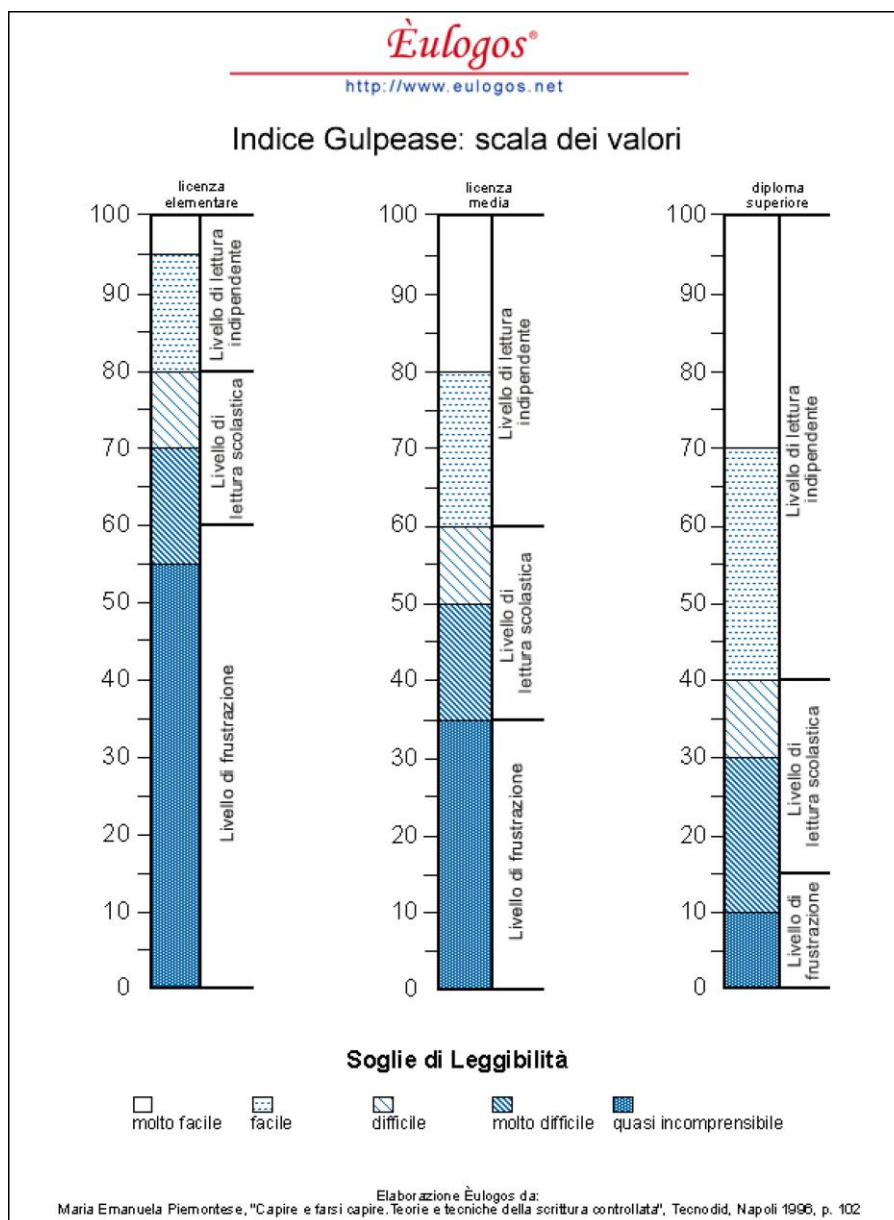


Figura 1: escala de valores do índice Gulpease

A escala de valores é dividida conforme a escolaridade do leitor (lembrando que a educação italiana tem diferenças para o sistema brasileiro). Assim, um texto com Gulpease 60 é considerado muito difícil para quem tem a *licenza elementare* (inicia a partir dos seis anos de idade, e dura cinco anos), difícil para quem tem *licenza media* (os três anos seguintes, também chamada de *scuola secondaria di primo grado*) e fácil para quem tem um *diploma superiore* (não confundir com diploma de Ensino Superior no Brasil. O *diploma superiore* italiano é uma etapa que precede a entrada na graduação. É também chamado de *scuola secondaria di secondo grado*).

Segundo os italianos, além da vantagem de ser a primeira fórmula de legibilidade tirada diretamente da língua italiana, o Gulpease tem a vantagem de calcular o comprimento das palavras por letra, e não sílabas, como no índice Flesch⁸. Esta foi uma necessidade percebida pelos italianos devido ao sistema diferente de divisão silábica na língua italiana em relação ao inglês.

8 Èulogos SpA. Disponível em <http://www.eulogos.net/ActionPagina_1021.do>. Acesso em 21 jun. 2014.

Essa diferença de valores e escalas não vai permitir uma comparação ideal entre a complexidade textual do original em italiano e suas versões em português. Ainda assim, apresentaremos os cálculos em italiano, para conhecimento, e em português, para comparar as duas traduções.

Analisando o trecho original em italiano, com o uso de uma ferramenta online para cálculo do índice Gulpease⁹, chegamos a um índice 70. De acordo com a tabela Gulpease, é um texto entre difícil e muito difícil para quem tem a *licenza elementare*, fácil, para quem tem a *licenza media*, e entre fácil e muito fácil para quem tem o *diploma superiore*.

Já a tabela a seguir mostra a comparação do grau de complexidade textual das duas traduções em português, com o uso do TextMeter.

	Bernardini e Andrade (1985)	Caramori (2003)
Facilidade de leitura de Flesch	78	78
Média de palavras por frase	14,6	13,08
Média de sílabas por palavra	1,85	1,86
Comprimento médio da frase	80,5	74,25
Caracteres	832	919
Palavras	146	157
Frases	10	12

Tivemos, então, um empate entre os dois textos. De acordo com a escala da tabela do índice Flesch para o português brasileiro, ambos os trechos podem ser considerados razoavelmente fáceis até alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Chama a atenção em quanto econômico são Bernardini e Andrade em sua tradução, usando 832 caracteres contra 919 de Caramori. Acreditamos que, com estes números, podemos confirmar o que já foi dito anteriormente, que Caramori busca levar, conduzir o leitor ao entendimento do texto, sem dar chances para falhas de interpretação, conforme o modelo de leitura reconstrutor citado por Kato.

Vamos utilizar, agora, um novo trecho para confirmar se o resultado da análise de complexidade textual se mantém.

Original de MORAVIA

Tutto ad un tratto, una macchina targata francese, davanti a noi, fa una brusca frenata, e Peppino che la veniva dietro va a incastrarsi con il paraurti dentro la parte posteriore di quella macchina. Subito smontò, si avvicinò, esaminò le due macchine e poi andò allo sportello della macchina francese. C'era una signora sola, giovane e graziosa, bionda, le mani dalle unghie dipinte posate sul volante. "Signora, mi favorisca la patente, il numero della macchina, il nome", incominciò Peppino sfoderando un taccuino e un lapis, "lei deve capire che non ho comprato la macchina per farmela rovinare da lei... lei mi ha fatto un danno di migliaia di lire... chi me lo ripaga il danno? ho avuto la macchina proprio stamattina, nuova nuova, non l'ho presa per farmela rovinare da lei."

Tradução de BERNARDINI e ANDRADE (1985, p. 171)

De repente, um carro com chapa francesa, à nossa frente, dá uma freada brusca, e Peppino que vinha trás, vai se encaixar com os pára-choques dentro da parte posterior

9 Índice di Leggibilità di un Testo. Disponível em <<http://xoomer.virgilio.it/roberto-ricci/variabilialeatorie/esperimenti/leggibilita.htm>>. Acesso em 21 jun. 2014

daquele carro. Foi logo descendo, aproximou-se, examinou os dois carros e em seguida dirigiu-se à porta do carro francês. Havia uma senhora sozinha, jovem e graciosa, loira, as mãos de unhas pintadas pousadas sobre o volante. “Senhora, tenha a bondade de me dar a carta, o número do carro, o nome”, começou Peppino, desembolsando uma carteira e um lápis, a senhora deve entender que não comprei o carro para ser arrebitado pela senhora... a senhora me fez um estrago de milhares de liras... quem é que vai pagar? recebi o carro hoje de manhã mesmo, novinho, e não foi para a senhora arrebitá-lo.”

Tradução de CARAMORI (2003, p. 218)

De repente, um carro com placa da França, à nossa frente, dá uma freada brusca, e Peppino, que vinha atrás, engancha seu pára-choque na traseira dele. Foi logo descendo do carro, aproximou-se, examinou os dois carros e depois foi até a porta do carro francês. Havia uma senhora sozinha, jovem e graciosa, loira, as mãos, de unhas pintadas, pousadas sobre o volante. “Senhora, dê-me a sua carta de motorista, o número de registro do carro, o nome”, começou Peppino, tirando um bloquinho e um lápis, a senhora tem que entender que eu não comprei o carro para que a senhora o destruísse... a senhora causou um dano de milhares de liras... quem vai me pagar este prejuízo? Peguei o carro nesta manhã mesmo, é novinho em folha, não para que a senhora o arrebitasse.”

Aplicando o índice Gulpease ao original italiano, chegamos a um valor de complexidade textual de 64, ou seja, um pouco mais complexo que o trecho analisado anteriormente. Pela escala da tabela Gulpease, este trecho é muito difícil para estudantes da *licenza elementare*, e fácil tanto para estudantes da *licenza media* quanto os de *diploma superiore*.

Já as traduções para o português tiveram o seguinte resultado de índice Flesch:

	Bernardini e Andrade (1985)	Caramori (2003)
Facilidade de leitura de Flesch	66	68
Média de palavras por frase	18,86	19,14
Média de sílabas por palavra	1,94	1,9
Comprimento médio da frase	109,14	108,86
Caracteres	785	786
Palavras	132	134
Frases	7	7

O cálculo mostra que a versão de Caramori pode ser considerada um pouquinho menos complexa que a de Bernardini e Andrade. De qualquer forma, assim como foi observado no original italiano, esse trecho também é mais complexo em português que o trecho descrito anteriormente, que apontou um índice Flesch de 78. De razoavelmente fácil, esse trecho é visto como padrão. O comprimento médio da frase aumentou bastante na comparação com o trecho anterior. Mas, aqui, tivemos um equilíbrio no número de caracteres, palavras e empate no número de frases.

Nos trechos, vemos algumas diferenças de opções de tradução interessantes. Bernardini e Andrade usam o termo “chapa”, enquanto Caramori coloca “placa”. Para leitores mais jovens, o termo chapa não faz muito sentido. Será necessário alguém explicar que chapa é um sinônimo para placa de automóvel. Enquanto Caramori simplesmente usa “na traseira dele”, Bernardini e Andrade fazem uma opção pelo bem mais extenso (e, acreditamos, menos

claro) “dentro da parte posterior daquele carro”. Parece não haver colaboração entre os autores da tradução de 1985 para o leitor, mostrando o caráter construtivista da leitura feita por Bernardini e Andrade e o quão colaborativa Caramori se mostra com o leitor, reforçando o caráter reconstrutor de sua leitura. Ambos, no entanto, são regionalistas ao usar o termo “carta” e “carta de motorista” - típico do Sudeste brasileiro - ao invés de “carteira de motorista”. Aquele carta de Bernardini e Andrade pode levar a qualquer interpretação por pessoas que não tenham o conhecimento necessário para interpretar que carta e carteira de motorista são sinônimos. Pode causar uma falha no modelo de leitura e travar o leitor em sua compreensão.

Pegaremos, agora, um trechinho mais curto para retomar algumas questões sobre modelos de leitura e competências tradutórias.

Original de MORAVIA Peppino, al solito, pignolo, spiegava: "Io tenevo la mia mano, la strada é stretta." "Nossignore, tu non tenevi la tua mano, stavi in mezzo alla strada e andavi avanti a passo di lumaca."
Tradução de BERNARDINI e ANDRADE (1985, p. 170) Peppino, como sempre, goiaba, explicava: “Eu estava na minha mão, a estrada é estreita.” “Não senhor, você não estava na sua mão coisa nenhuma, estava no meio da estrada e andava feito uma lesma.”
Tradução de CARAMORI (2003, p. 218) Peppino, o cricri de sempre, explicava: “Eu estava na minha mão, a estrada é estreita”. “Não senhor, você não estava na sua mão, estava no meio da pista e andava feito uma tartaruga.”

Analisando a tradução para o termo *andavi avanti a passo di lumaca* (em tradução direta, “ia adiante a passo de lesma”), vemos que Bernardini e Andrade mantiveram o animal escolhido por Moravia para ilustrar a lentidão de Peppino ao transitar em uma estrada pequena na região de Roma, sem fazer interpretações. Já Caramori optou por substituir a lesma por tartaruga (e, neste caso, acreditamos que teria sido melhor mudar a expressão inteira de “andava feito uma tartaruga” para “andava a passo de tartaruga”, comum em português). Em ambos os casos, vemos um modelo de leitura construtivista, dependente da visão de mundo do leitor para compreender a expressão. Quanto às competências, temos aqui mais um caso de subcompetências bilíngue, extralinguística (os conhecimentos de mundo foram essenciais para Caramori buscar na palavra tartaruga uma alternativa à lesma) e estratégica.

Uma última análise a ser feita vai além do conto que estamos analisando mas é interessante citar pelo aspecto das competências tradutórias. As duas traduções apresentam ferramentas e estratégias diferentes para tentar auxiliar o leitor na compreensão do texto e na formação, durante a sua leitura, da imagem do mundo descrito por Moravia em *Contos Romanos*.

Bernardini e Andrade abrem o livro com uma Nota dos Tradutores, localizada entre o índice e o primeiro conto. Eles explicam algumas de suas escolhas na nota:

Nossa preocupação, enquanto tradutores, foi a de conservar esse coloquial diferenciado de tipo a tipo, sem cair na gíria regionalista e manter o tom vivo do original. Para tanto, valemo-nos de certas “liberdades” gramaticais e sintáticas como: o uso de pronomes pessoais em função de objeto direto ou indireto; a alternância do tratamento *tu* e *você* e pronomes correspondentes; o uso de certos

modos verbais em lugar de outros (imperfeito do indicativo por subjuntivo ou condicional); a eventual preferência pelo emprego proclítico dos pronomes; o uso discriminado dos nomes próprios, de pessoas e de locais, ora no original (nos casos mais consagrados), ora no correspondente brasileiro.

Quanto às soluções e às “compensações”, o leitor poderá encontrá-las em cada conto, quando não constarem das notas de rodapé.

Notas de rodapé, na verdade, os autores só utilizam em três situações. Uma delas, como mostramos anteriormente, para explicar o título do conto que é objeto deste estudo, *Pignolo*, e o motivo da escolha de “goiaba” para substituir o original.

Já Caramori não faz uma Nota de Tradutor inicial. No entanto, ao longo do texto ela faz uso, em 22 oportunidades, de notas de rodapé, sejam elas com observações do tradutor ou do editor. Mas a obra com tradução por Caramori traz um interessante apêndice para o leitor ter uma ideia de onde as histórias relatadas por Moravia acontecem na capital italiana. Foi incluído um mapa de Roma, com a indicação dos locais que aparecem ao longo do texto.

São exemplos, de uso de todas as subcompetências do modelo do PACTE, incluindo a instrumental, que não havíamos citado antes, pois os autores lançam mão de recursos de informática para auxiliar em seu trabalho.

Considerações finais

Neste trabalho, fizemos a análise de duas traduções para o português brasileiro do conto *Pignolo*, que faz parte do livro *Racconti Romani* (*Contos Romanos*, em português), do escritor italiano Alberto Moravia. Ao longo do estudo, procuramos apresentar conceitos sobre modelos de leitura, tradução, competências tradutórias, gêneros textuais e complexidade textual e relacioná-los às opções feitas pelas tradutores na hora de passar o texto do original para língua de destino.

Foi possível observar que todas as competências citadas por ALBIR são importantes para formação de um tradutor do gênero textual de contos. Para fazer bem este tipo de tradução, é necessário, como ECO afirma, fazer uma boa leitura do texto antes de iniciar o trabalho, e buscar informar-se sobre o contexto no qual a obra foi escrita. O tradutor deverá ter um bom conhecimento enciclopédico para poder fazer as soluções mais adequadas, sem perder jogos de palavra e estilos impressos pelo autor no texto original. Isto, como vimos ao analisar o conto *Pignolo*, é um grande desafio. Os tradutores precisavam achar um termo em português que remetesse a algo da natureza, a céu aberto (para a parte da caminhada no bosque) e que significasse uma pessoa chata, pedante, meticulosa a detalhes que não são tão importantes.

É um trabalho que não se esgota nele e que deixa muitas possibilidades em aberto para sua continuação. Por exemplo, caberia uma investigação sobre os motivos que levaram a editora a fazer uma nova tradução para a edição de 2003. Ou, então, buscar um original mais antigo do texto em italiano para ver se houve mudanças em relação à primeira edição em *e-book* da obra, a qual utilizamos neste estudo. Ainda poderia ser feita uma análise mais profunda dos motivos da diferença de tradução em 28 dos 61 títulos de contos, assim como os motivos para uma tradução trazer três notas de rodapé e a outra 22, verificando quais foram as soluções encontradas para evitar o uso das notas e se não houve perda de compreensão para o leitor, entre outras possibilidades.

Referências bibliográficas

- ALBIR, Amparo HURTADO. **A aquisição da competência tradutória**. In: Competência e tradução e cognição. Organizado por Adriana PAGANO, Célia MAGALHÃES e Fábio ALVES. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 20-57.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro : Record, 2007.
- Èulogos SpA**. Disponível em <http://www.eulogos.net/ActionPagina_1021.do>. Acesso em 21 jun. 2014.
- GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1995.
- Indice di Leggibilità di un Testo**. Disponível em <<http://xoomer.virgilio.it/roberto-ricci/variabili/leatorie/esperimenti/leggibilita.htm>>. Acesso em 21 jun. 2014.
- KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 6 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2007.
- LEFFA, Vilson J.. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1996.
- MORAVIA, Alberto. **Racconti Romani**. Milão: RCS Libri, 2011. *e-book*.
- MORAVIA, Alberto. **Contos Romanos**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Difel, 1985.
- MORAVIA, Alberto. **Contos Romanos**. Tradução de Alessandra Caramori. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2003.
- PASQUALINI, Bianca Franco. **Análise de índices de complexidade textual em dois textos de pediatria e suas traduções para o inglês: um estudo exploratório**. *Palimpsesto*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, número 13, ano 10, 2011. Disponível em <<http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num13/estudos/palimpsesto13estudos01.pdf>>. Acessado em 21 jun 2014.
- PASQUALINI, Bianca Franco. **Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos de literatura para leitores com letramento básico**. 2012. Dissertação de Mestrado. Ufrgs.